

## Uma nosografia de D. Carlos I no centenário do regicídio

### *A Nosography of Don Carlos I on the 100th anniversary of regicide*

José Barata\*

#### Resumo

Um país de costumes suaves conta na sua história recente com o assassinio de um Rei e de um Presidente da República. Tempos conturbados os da Europa dos primórdios do século XX, onde os conflitos políticos se derimiam à bala e à bomba, em atentados usualmente perpetrados por exaltados anarquistas. Assim pereceram D. Carlos I (e o presidente Sidónio Pais) de Portugal, Humberto I de Itália, Jorge I da Grécia, Nicolau II da Rússia e, paradigmaticamente, o Arquiduque Francisco Fernando, do Império Austro-Húngaro, cujo homicídio, em Sarajevo, despoletou a I Guerra Mundial.

A morte do rei constituiu, em todos os tempos, um fenómeno de grande impacto social e político, sobretudo se ocorria em circunstâncias trágicas ou se ameaçava desviar o curso da história, como aconteceu nos casos de D. Sebastião ou de D. Carlos I.

A medicina prestou sempre grande atenção às figuras reais, sendo convocados os médicos mais conceituados do reino quando a doença ameaçava a integridade do monarca.

No decurso do século XIX, e fruto dos avanços que caracterizam a evolução do conhecimento médico, é notória a preocupação dos clínicos em objectivar as causas de doença e da morte das figuras reais, notando-se um claro progresso na metodologia científica usada. O embalsamamento regularmente praticado nos monarcas da dinastia de Bragança, e o conseqüente estudo necróptico, deixaram detalhados registos anátomo-clínicos de surpreendente actualidade.

O estudo retrospectivo da doença e da morte na família real, cujo acompanhamento envolvia os maiores vultos da medicina do tempo, propicia uma interessantíssima panorâmica sobre as concepções médicas da época.

A pretexto do I centenário do regicídio que, ao pôr termo à vida do Rei D. Carlos e do Príncipe Herdeiro D. Luís Filipe, precipitou o fim da monarquia em Portugal, condicionando decisivamente o curso da história nacional, procede-se a um esboço nosográfico do penúltimo rei de Bragança, com base na análise da bibliografia disponível.

Palavras chave: Regicídio, D. Carlos I, Monarquia

#### Abstract

*In a country of gentle customs, the assassination of a King and a President of the Republic, have taken place in recent history. At the beginning of the XXth century amidst turbulent times in Europe, where political conflicts were resolved with bullets and bombs, attacks were usually perpetrated by highly charged anarchists. In this way perished Don Carlos I, and the President Sidónio Pais of Portugal, Humberto I of Italy, Jorge I of Greece, Nicolau II of Russia and paradigmatically, the Archduke Francisco Ferdinand of the Austro-Hungarian Empire, whose homicide in Sarajevo lead to the First World War.*

*The death of a king constitutes, at all times, a phenomenon of grand social and political impact, particularly if it occurs in tragic circumstances or if it threatens to compromise the course of history, as happened in the cases of D. Sebastião and D. Carlos I.*

*Medicine has always given great attention to royal figures and the most reputable doctors of the kingdom were summoned if an illness threatened the integrity of the monarch.*

*During the XIXth century and fruit of the advances which characterised the evolution of knowledge, the preoccupation that clinicians had in discovering the causes of illness and death of royal figures is notorious, a process which was important for the progress in scientific methodology used. The practice of regularly embalming monarchs of the Bragança dynasty, together with the consequent necropsy study, left shrewd anatomo-clinical records of surprising accuracy.*

*A retrospective study of illness and death in the royal family, a process accompanied by the most well-known faces of medicine at the time, offers an interesting panorama of the medical concepts of the epoch.*

*On the 100<sup>th</sup> anniversary of regicide, which ended the life of King D. Carlos I and the Crown Prince D. Luís Filipe, precipitated the end of the monarchy in Portugal, conditioned decisively the course of national history, a small nosography of the last king of Bragança, based on an analysis of the bibliographical material available is made.*

*Key words: Regicide, D. Carlos I, Monarchy.*

Cavalheiro no trato, elegante na indumentária, pintor exímio, cientista de mérito, caçador empedernido, D. Carlos I irá encontrar a morte, de forma trágica, aos 45 anos de idade, após 19 anos de reinado, no meio de um turbulento sentimento antimonárquico que ditaria, a curto prazo, o fim da realeza em Portugal.

Paradoxalmente, este homem corpulento e jovial,

\* Director do Serviço de Medicina

Hospital Garcia de Orta

Recebido para publicação a 02.03.07

Aceite para publicação a 18.12.07

de personalidade multifacetada e criativa, ocultava uma personagem algo tímida, que demonstra problemas de auto afirmação e de comunicação com os outros.<sup>1</sup> Em textos epistolares, o rei deixa da sua pessoa um retrato inseguro que denota a pouco elevada opinião que tem de si próprio: "Tenho grandes imperfeições, como homem e como rei. Os meus defeitos procedem de duas cousas: primeiro a hereditariedade na gestação do meu ser; segundo, a influência do meio em que nasci e me criei."<sup>2,3</sup>

Arrogante para os detractores, humilde na opinião dos íntimos, havia na pessoa de D. Carlos, na perspectiva apologética de Ramalho Ortigão, "um fundo singular de acanhamento orgânico, que ele publicamente encobria sob a máscara de uma altivez postiça. Na convivência íntima ele era mais do que afável, era terno, e a sua bondade chegava a ser humilde."<sup>3</sup>

A família real pautava a sua intervenção social por uma atitude discreta, distante e pouco dada à exibição, certamente como reflexo da misantropia dos seus membros.<sup>4,5</sup> Enquanto nas monarquias do século XIX europeu, o colorido da corte renascia numa sofisticação cheia de voyeurismo, ao encontro da aclamação pública, D. Carlos perdia-se na planície alentejana a caçar perdizes, flanava por Paris em convivências lúbricas ou refugiava-se na solidão do alto-mar a bordo do yate real "Amélia". Uma atitude mais popular e cativante da simpatia dos súbditos poderia ter constituído um importante entrave à escalada republicana. Mas D. Carlos não quis ou não soube criar um ambiente de corte charmoso e apelativo, que tornasse o rei e a família real admirados pelo seu povo.<sup>2,6</sup> A "piolheira", como classificava o país na intimidade, não era, de todo, a sua vocação.

Talvez por isso, o percurso político do penúltimo monarca da dinastia de Bragança, tenha sido tão espinhoso.

Filho primogénito de D. Luís I e de D. Maria Pia de Sabóia, nasce em Lisboa a 28 de Setembro de 1863. Entronizado em 1889, já casado com D. Amélia de Orléans, o seu reinado é, logo no ano imediato, profundamente abalado pela questão africana do "Mapa cor-de-rosa". O ultimato inglês, que D. Carlos, na imaturidade dos seus 26 anos e sem apoio de conselheiros de confiança, se viu forçado a aceitar, pela absoluta incapacidade de ripostar quer no plano militar, quer diplomático, acirrou contra si, em unísono, a voz ululante de republicanos, jornalistas, escritores e do cidadão comum.

Foi o princípio de uma interminável contenda, que marcará o decurso da vida política de D. Carlos de forma quase permanente. O orçamento da família real (a famosa questão dos adiantamentos da casa real), as pretensas aventuras extraconjugais do monarca, as suas frequentes e demoradas ausências em Vila Viçosa, em exercícios venatórios, eram temas acaloradamente discutidos na imprensa e na câmara dos deputados, assumindo, de quando em vez, um tom de impropério alvar, pouco dignificante no seio de um regime parlamentar.

Entretanto, os governos sucediam-se numa rotação estéril, o ideário republicano infiltrava-se nas brechas abertas pela turbulência política e a estabilidade institucional tardava em chegar. Conspirações e motins republicanos (conspiração de 31 de Janeiro, revolta dos marinheiros) instigadas pela Carbonária e pela Maçonaria procuravam aniquilar uma monarquia cada vez mais apática, e um rei incapaz de corrigir a própria imagem que a imprensa cruamente denegria.<sup>1</sup>

Foi, aliás, numa destas sublevações, a revolta do 28 de Janeiro de 1908, que germinou a extremada ideia da aniquilação física do rei.

João Franco foi convidado a formar governo em Maio de 1906, numa tentativa de paralisar o perverso e inoperante rotativismo. Em 1907, dissolve o parlamento, passando a governar em ditadura, sob beneplácito do Rei.<sup>7</sup> Uma entrevista de D. Carlos ao periódico "*Le Temps*", um dos mais prestigiados jornais de Paris, na qual apoia incondicionalmente o presidente do conselho, desencadeia uma tempestade de opinião no seio da oposição.<sup>8,9</sup>

Entretanto, João Franco exhibe posições redutoras sobre o explosivo movimento republicano, e persegue a imprensa, punindo vários jornais com suspensão temporária. No seu estilo rústico e desabrido, quer manter a ordem a qualquer preço, ignorando os riscos decorrentes do seu radicalismo.<sup>4</sup> A punição de políticos desordeiros e inconformistas transforma-se num imperativo. Como medida extrema, submete ao rei um documento que condenava ao degredo africano os cabeças de motim de 28 de Janeiro, entre os quais constavam reputadas figuras republicanas. A 30 de Janeiro de 1908, D. Carlos, que passava o Inverno em Vila Viçosa, subscreveu o decreto que lhe fora pessoalmente levado pelo ministro da Justiça, Teixeira de Abreu, saindo o texto publicado no diário oficial de 31 de Janeiro.

Numa última manifestação afirmativa do seu apoio à política autocrática de João Franco, o rei resolve regressar a Lisboa a 1 de Fevereiro.

O percurso de comboio ente Vila Viçosa e o Barreiro foi tenso e silencioso, manchado por um descarrilamento de mau agouro, que atrasou substancialmente a chegada.<sup>10</sup>

D. Carlos, que, por hábito, costumava jogar e chalacear durante as viagens com a sua comitiva, mostrou-se nesse dia sorumbático, mal pronunciando uma palavra.<sup>11</sup> Seguiu-se a travessia de barco até à estação fluvial, sendo notório o ar preocupado do rei na hora do desembarque. Por ordem expressa do monarca, o transporte entre o Terreiro do Paço e o Palácio das Necessidades foi feito em carruagem aberta, numa demonstração ostensiva de que nada tinha a temer.

À partida do cortejo real, por volta das 5 da tarde, em pleno Terreiro do Paço, a carabina de Manuel Buiça e o revólver de Alfredo Costa, dois membros radicais da Carbonária, derrubaram D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Luís Filipe, com tiros certos, e feriram levemente o futuro rei D. Manuel II.<sup>10</sup>

Uma bala perfurava o tórax de D. Carlos e outra fracturava-lhe a coluna cervical. A morte foi imediata tendo o óbito sido certificado pelos vários clínicos presentes no gabinete médico do Arsenal da Marinha, para onde foram transportadas as vítimas.<sup>10,11</sup>

Muitos escritos, ao longo do tempo, procuraram ilustrar, de forma mais ou menos objectiva o que se passou naquele fim de tarde de Sábado, 1 Fevereiro de 1908. Porém, o relato presencial de D. Manuel II, dorido e lúcido, escrito 4 meses após o atentado, é especialmente ilustrativo do ambiente de terror que rodeou o regicídio: “Saímos da estação bastante devagar. Minha mãe vinha-me a contar como se tinha passado o descarrilamento na Casa Branca, quando se ouviu o primeiro tiro no Terreiro do Paço, mas que eu não ouvi: era sem duvida um sinal”... “Eu estava olhando para o lado da estatua de D. José e vi um homem de barba preta, com um grande “gabão”. Vi esse homem abrir a capa e tirar uma carabina. Eu estava tão longe de pensar num horror destes que me disse para mim mesmo, sabendo o estado de exaltação em que isto tudo estava, “que má brincadeira”. O homem saiu do passeio e veio se pôr atrás da carruagem e começou a fazer fogo. Quando vi o tal homem das barbas que tinha uma cara de meter medo, apontar sobre a carruagem percebi bem, infelizmente o que era. O que então

se passou só Deus, minha mãe e eu sabemos; porque mesmo o meu querido e chorado Irmão presenciou poucos segundos porque instantes depois também era varado pelas balas “...” Imediatamente depois do Buiça começar a fazer fogo saiu de debaixo da Arcada do Ministério um outro homem que desfechou uns poucos de tiros à queima-roupa sobre o meu Pai; uma das balas entrou pelas costas e outra pela nuca, que O matou instantaneamente. Depois disto não me lembro quase do resto: foi tão rápido! “Quando de repente já na Rua do Arsenal olhei para o meu queridíssimo Irmão vi-o caído para o lado direito com uma ferida enorme na face esquerda de onde o sangue jorrava como de uma fonte! Tirei um lenço da algibeira para ver se lhe estancava o sangue: mas que podia eu fazer? O lenço ficou logo como uma esponja. No meio daquela enorme confusão estava-se em dúvida para onde devia ir a carruagem: pensou-se no hospital da Estrela, mas achou-se melhor o Arsenal.

Eu também, já na Rua do Arsenal fui ferido num braço por uma bala. Faz o efeito de uma pancada e um pouco uma chicotada: foi na parte superior do braço direito. Estava-se ainda na dúvida (infelizmente de pouca duração) se ainda viviam os dois entes tão queridos! Estavam lá muitos médicos entre outros o Dr. Bossa (que me parece foi o primeiro que chegou) o Dr. Moreira Júnior e o Dr. António Lencastre. Contou-me depois (já alguns dias depois) o Dr. Bossa que logo que chegou acendeu um fósforo e ainda as pupilas se retraíram. Quando porém repetiu a experiência nem mesmo esse pequeno sinal de vida lhe restava. De meu Pai e mesmo meu Irmão não tinha grandes esperanças que pudessem escapar. As feridas eram tão horrorosas que me parecíamos impossíveis que se salvassem”.<sup>12</sup>

Não foi realizada autópsia formal ao cadáver de D. Carlos, por determinação expressa do governo. Este procedimento, imprescindível à constituição do processo judicial de acusação dos regicidas, foi dispensado pelo ministro da Justiça. Uma vez que Buiça e Alfredo Costa tinham sido prontamente abatidos pela polícia no local do atentado, não haveria lugar a julgamento, sendo portanto inúteis as provas médico-legais.<sup>11</sup> No entanto, os médicos da Real Câmara, António de Lencastre, Oliveira Feijão, Barros da Fonseca, Carlos Tavares, António Meireles, Artur Ravara, Tomaz de Mello Breyner e Silva Amado, reunidos no palácio das Necessidades, antecedendo o processo de embalsamamento, realizaram um detalhado exame

objectivo das lesões provocadas pelas balas no corpo do rei, do qual ficou um precioso registo, datado de 2 de Fevereiro de 1908:<sup>11</sup>

“O cadáver apresentava rigidez cadavérica bastante acentuada e livores cadavéricos nas regiões de declive; das fossas nasais saía sangue.

No limite inferior da região da nuca, ao nível da última vértebra cervical e da primeira dorsal, observava-se uma ferida de bordos contusos, equimados, aproximadamente triangular, tendo cada lado sete milímetros de comprimento, situada 2 centímetros à esquerda da linha média; pela pressão saía sangue em abundância. Sondando com um dedo introduzido na ferida, nota-se que à ferida da pele se segue um trajecto em direcção à coluna vertebral, que está fracturada cuminutivamente. Na região supra-hioideia média encontra-se outra ferida que tem os bordos estrelados. A esta solução de continuidade da pele segue-se um trajecto muito profundo que parece continuar com o da nuca, devendo a ferida estrelada ser o orifício de saída de um projectil que penetrou nos raquis entre as regiões cervical e dorsal.

No dorso, no cruzamento de duas linhas, uma horizontal passando cinco centímetros acima do ângulo inferior da omoplata direita e outra vertical situada a dois centímetros para dentro do bordo interno da mesma omoplata, encontra-se uma ferida de contorno circular, com os bordos equimados, tendo de diâmetro sete milímetros. A esta ferida segue-se um trajecto que se dirige para fora e para diante; uma sonda introduzida nesta ferida segue este trajecto sem obstáculo, numa extensão de onze e meio centímetros.

Dos dados obtidos no exame objectivo do cadáver, concluem os peritos médicos:

1ª - A morte de sua majestade El-Rei D. Carlos foi causada por ferimentos com arma de fogo.

2ª - Foram dois os projecteis que feriram sua majestade. Ambos penetraram pelas costas, um na transição da nuca para o tórax, outro no lado direito da coluna vertebral ao nível do 5º espaço intercostal direito. O primeiro projectil fracturou a coluna vertebral, lesou a medula, perfurou os tecidos moles do pescoço e saiu pela região supra-hioideia média. O segundo penetrou na cavidade do tórax e deteve-se no pulmão direito, ficando alojado na referida cavidade.

3º Os ferimentos foram mortais

Seguem-se depois os procedimentos necessários à preservação do corpo. O atento Conde de Mafra, D. Thomaz de Melo Breyner, médico da real câmara,

registra no seu diário de 2 de Fevereiro de 1908: “ Às 2 horas da tarde começou o embalsamamento d’El Rei e do Príncipe Real. Presentes os Conselheiro Silva Amado, por parte do conselho médico-legal, e os médicos da Real Câmara Lencastre, Feijão, Tavares, Ravara, Meirelles e eu. O grande trabalho foi feito pelo grande Rocha do Hospital de S. José. Também assistiu o Ferreira, Pharmacêutico da casa Real. Às 7 h interrompemos para Jantar. Às 8h continuamos e seguimos pelas noites dentro. Tudo muito difficil por causa dos estragos das balas”.<sup>13</sup>

D. Carlos tinha um porte obeso, apesar de ser um praticante entusiasta de vários desportos e actividades ao ar livre, como o ténis, a caça, a esgrima a arte equestre. A sua saúde parece ter sido razoável até 1906, com excepção de uma febre tifóide que contraiu no verão de 1890, quando participava numa campanha de trabalhos arqueológicos nas ruínas da península de Tróia.<sup>1</sup>

Em de Janeiro de 1906 o Dr. Tomás de Mello Breyner diagnostica-lhe Diabetes Mellitus. É com apreensão que regista o evento no seu transparente diário: “ Fui ao Paço das Necessidades procurar a rainha para lhe dizer que El-Rei é um diabético. Com 22,560g d’assucar por litro. É uma má notícia para todos, mas entendi que deveria da-la à Rainha em primeiro lugar” ...” bem desconfiava eu quando há menos de um mez lhe caíram uns dentes mollares. Vamos ver se conseguimos, pelo menos, um regímen”(14). Eram infundadas as preocupações do médico. Não teve Sua Majestade tempo para sofrer as habituais e temíveis sequelas da sua doença metabólica. A morte viria, de forma súbita e brutal, derrubar, 2 anos depois, este homem de porte aristocrático e alma frágil, arrastando consigo, a curto prazo, uma monarquia mais doente que o seu caudilho. ■

## Bibliografia

1. Jean Pailler.D. Carlos I, Rei de Portugal. Bertrand Editora. Lisboa, 2001
2. José Matoso. História de Portugal. Vol VI . Circulo de leitores. 1994
3. Ramalho Ortigão. Rei D. Carlos, o martyrisado. Typographia “A Editora”. Lisboa, 1908
4. Rui Ramos. João Franco e o fracasso do reformismo liberal (1884-1908). Imprensa de Ciências sociais. Lisboa, 2001
5. Jayme Victor. Brasil – Portugal. Nº 218, 16 de Fevereiro de 1908
6. Oliveira Marques - Nova História de Portugal Vol XI. Editorial Presença. Lisboa, 1991
7. João Franco Castello- Branco. Cartas d’El -Rei D. Carlos I a João Franco Castello-Branco seu último Presidente do Conselho. Livrarias Allaud e Bertrand.Lisboa, 1924

8. Fortunato de Almeida. História de Portugal. Terceiro volume. Bertrand Editora. Lisboa, 2005
9. António Cabral – Cartas d’El Rei D. Carlos a José Luciano de Castro. Sociedade Editora Portugal - Brasil. Lisboa, 1927
10. A tragédia de Lisboa. Serões: Revista Mensal Ilustrada, Nº32.Fevereiro de 1908
11. Asdrúbal de Aguiar. Causas da Morte do Rei D. Carlos e do Príncipe Real D. Luís Filipe. Imprensa médica, Ano XXIII (separata). Outubro de 1956
12. Miguel Sanches de Baêna. Diário de D. Manuel e estudo sobre o regicídio -, Publicações Alfa S.A. Lisboa, 1990
13. Thomaz de Mello Breyner. Diário de um Monárquico (1908-1910). 2ª Edição. Fundação Eng.º António de Almeida, 2004.
14. Thomaz de Mello Breyner. Diário de um Monárquico (1905- 1907). Fundação Eng.º António de Almeida, 2002.

# ESIM 11

1– 6 | SEPTEMBER | 2008

SEMINÁRIO TORRE DE AGUILHA, ESTORIL, PORTUGAL

Arrival 31 of August and depart 7 of September 2008

